

humanitas

Vol. LXV
2013

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A *HELENA* DE SEFERIS, UM GRITO CONTRA A GUERRA*

ANDRÉS POCIÑA
Universidade de Granada

Resumen

Aproximación y comentario del poema “Helena” (1953) del eximio poeta griego Yorgos Seferis, premio Nobel de Literatura en 1963; después de su traducción al portugués, el autor estudia las curiosas circunstancias de su publicación, su relación con los antecedentes clásicos, su significado en la obra y en la vida de Seferis y en la Grecia de 1955, y, por último, su sentido universal como poema antibélico y pacifista en una Grecia y una Europa sumidas en la persistente destrucción física y política que marcó buena parte del siglo XX, cuyas consecuencias se viven tan trágicamente todavía en nuestros días en Grecia y otros países del Mediterráneo.

Palabras clave - Seferis, Helena, tradición, novedades, antibelicismo.

Abstract

The author translates and analyses the poem “Helena” by Yorgos Seferis, with particular emphasis on its pacifist message.

Key-words: Seferis, Helen, tradition, novelty, pacifism.

* O presente trabalho (lido no Congresso "O mito de Helena: de Tróia aos nossos dias", Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Abril de 2006) faz parte das investigações decorrentes do Projecto BFF 2002-03929, subvencionado pela Direcção Geral de Investigação do Ministério de Ciência e Tecnologia da Espanha. Foi proposto à *Humanitas* em 1 de Março e aceite em 15 do mesmo mês.

1. O poema *Helena* em português.

No contexto da obra poética de Yorgos Seferis, que, como é bem sabido, resulta bastante reduzida¹, o poema *Helena*, cujas circunstâncias de edição hei-de esclarecer mais à frente, tem gozado sempre de uma bem merecida fama. A explicação principal para uma tal celebridade será, sem dúvida, o facto de o poema avultar – por muito diversas razões – como um poema especialmente excelente, no conjunto da poesia de Seferis, toda ela de altíssima qualidade, facto que tornou o autor merecedor, em 1963, do primeiro Prémio Nobel de Literatura concedido a um escritor grego. Ambas as circunstâncias – a saber: o facto de o poema ser uma peça fundamental dentro da obra do poeta, em primeiro lugar, e a especial atenção e difusão que a obra de Seferis tem recebido, mercê sobretudo do prémio antes mencionado, em segundo lugar – são causas da imensidade de traduções do poema de que hoje dispomos. Com efeito, este costuma aparecer, não apenas nas traduções de *Obras Completas* do autor, como também em todas as Antologias – quer da sua obra, mais particularmente, quer nas Antologias da Poesia Grega do século XX, em geral². Perante uma situação tão afortunada – e não muito frequente, aliás, em relação à Literatura grega do nosso tempo³ – pareceu-me oportuno começar a minha intervenção por oferecer uma nova versão, em língua portuguesa,

1 A primeira edição da poesia de Seferis publicada nos anos 1924 a 1946, foi reunida em *Piimata*, Atenas, Ed. Ikaros, 1950, num volume, não muito amplo, de 247 páginas. À medida que novas edições foram surgindo do prelo, o *corpus* foi sendo completado com outras composições, sempre escassas, de Seferis, até se chegar ao conjunto publicado na edição definitiva: a 8ª, Atenas, Ed. Ikaros, 1972, preparada por Yorgos Savídis. Para o presente trabalho, servi-me fundamentalmente da edição 19ª, sempre sob o título *Piimata*, publicada em Atenas, pela mesma editorial, em Fevereiro de 1998; consta dela o poema *Helena*, entre as páginas 239 e 242, mais umas breves notas, sobre o mesmo, nas pp. 337-338.

2 Em português, conheço uma versão – muito boa, por certo – de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratisinis, in Yorgos Seferis, *Poemas escolhidos*, Lisboa, Relógio d'Água, 1993, pp. 124-131. Em espanhol, existem muitas versões, de valor desigual, como são, por ordem cronológica: as de José Alsina, 1968, pp. 105-111; Pedro Bádenas de la Peña, 1986, pp. 194-196; José Antonio Moreno Jurado, 1988, pp. 224-229 (também in Moreno Jurado, 1997, pp. 520-522); Ramón Irigoyen, 1989, pp. 133-135; Pedro Ignacio Vicuña, 1989, pp. 166-169; Gregoria Núñez Esteban, 1994, pp. 175-179.

3 Sobre o conhecimento e difusão da Literatura Grega Moderna e Contemporânea em Espanha, bem como os estudos a ela dedicados, é fundamental o livro de Moschos Morfakidis, *Bibliografía de estudios neogriegos en español y en otras lenguas ibéricas*, Granada, Athos-Pérgamos, 1988.

*entre a derradeira espada de um Ajax
e uma outra Salamina* 15
trouxe-me aqui, a esta praia.

A lua

*surgiu do mar como Afrodite;
eclipsou as estrelas do Sagitário, agora vai procurar
o coração do Escorpião, e anda a mudar todas as coisas.*
Onde está a verdade? 20
*Também eu fui na guerra um arqueiro;
o meu destino, o de um homem que errou o tiro.*

*Rouxinol, poeta cantor,
também numa noite como esta, na praia de Proteu,
escutaram-te as escravas espartanas e lançaram o seu lamento,* 25
e entre elas – quem o diria – Helena!
Aquela que perseguimos durante anos junto ao Escamandro.
Lá estava, nos lábios do deserto; aproximei-me dela, disse-me:
“Não é verdade, não é verdade”, gritava.
“Não subi ao barco de azulada proa.” 30
Jamais pisei a valorosa Tróia”.

*Com a sua cingida vasquinha, o sol nos cabelos, e esse porte –
sombas e sorrisos ondequer,
nos ombros, nas coxas, nos joelhos –
a pele viva, e os olhos* 35
*com as suas compridas pestanas:
lá estava, à beira de um Delta.*

E em Tróia?

Em Tróia, nada – uma imagem.
Assim o quiseram os deuses.
E Páris deitava-se com uma sombra como se fosse um ser vivo; 40
e nós degolávamo-nos por Helena durante dez anos.

Uma grande dor caíra sobre a Grécia.
*Tantos corpos arremessados
às fauces do mar, às fauces da terra;
tantas almas* 45
entregues às mãos do moinho, como trigo.
*E os rios enchiam-se de sangue na lama
por uma ondulação de linho, por uma nuvem,
por um tremor de borboleta, pela penugem de um cisne,*

por uma túnica vazia, por uma Helena. 50
E o meu irmão?

Rouxinol, rouxinol, rouxinol,
o que é deus? o que não é deus? o quê, entre um e outro?

“Os rouxinóis não te deixam dormir em Platres”.

Pássaro choroso,
em Chipre que o mar beija,
onde me situaram para lembrar a minha pátria, 55
acostei sozinho com esta lenda,
se for verdade que isto é uma lenda,
se for verdade que os homens não caem de novo
no antigo engano dos deuses;

se for verdade
que um outro Teucro, muitos anos depois, 60
ou um Ajax, ou Príamo, ou Hécuba,
ou um desconhecido, anónimo, que embora
visse um Escamandro transbordar cadáveres,
não tem por destino escutar
mensageiros que vêm dizer 65
que tanta dor, tanta vida
se afundaram no abismo
por uma túnica vazia, por uma Helena.

2. Publicação de Helena.

Quanto à data de composição, o poema *Helena*, de igual modo que quase todos aqueles que apareceram no livro *Diário de Bordo III*, foi composto no Outono de 1953, aquando da primeira viagem de Yorgos Seferis a Chipre⁵. Numa nota do próprio Seferis, na edição definitiva de *Píimata*, lemos:

5 Seferis realiza três viagens a Chipre, naqueles anos tão decisivos para a história da ilha, como foram o de 1953, 1954 e 1955, a coincidir com a sua estadia em Beirute, na qualidade de embaixador da Grécia no Líbano. Estas visitas a Chipre, tão importantes para a compreensão do poema *Helena* e de todos os mais contidos em *Diário de Bordo III*, podem seguir-se, de forma muito interessante (e apaixonante), ao longo dos diários de Seferis, publicados sob o título de *Méres (Dias)*, por Ed. Ikaros, a partir de 1975; o volume sexto, aparecido em 1986, contém, precisamente, as notas do poeta, de 20 de Abril de 1951

“Os poemas deste livro, a excepção de dois (“Memória I” e “Memória II”), foram-me concedidos ao longo do Outono de 1953, quando viajei por vez primeira a Chipre. Foi a descoberta de um mundo e de um drama humano que, quaisquer que sejam as finalidades da mudança diária, mede e julga a humanidade. Voltei à ilha no ano ’54. E mesmo agora, quando estou a escrever esta nota numa velha mansão de Varosi – uma casa que vai converter-se em arbusto –, parece-me que tudo cristalizou ao redor das primeiras e frescas sensações daquele Outono serôdio...”⁶.

O poema foi publicado a 15 de Outubro de 1955 na famosa revista *Nea Estía*; pouco tempo após, no mês de Dezembro de 1955, volta a aparecer na pequena colecção poética ...*Chipre onde predisse...* (...*Κύπρον οὐ μ’ ἐθέσπισεν ...*)⁷, na qual Seferis recolhe uma série de poemas dedicados à ilha, sob este título, enigmático na sua aparência, mas que corresponde, em realidade, ao verso 148 da *Helena* de Eurípidés, precisamente o primeiro dos seis que acabamos de ver colocados no *exergo* do poema *Helena*. A publicação seguinte desta colectânea encontra-se na terceira edição dos *Píimata* de Seferis, em Abril de 1962⁸, a constar de dezassete poemas, o quinto dos quais, *Helena*; o conjunto recebe, desta vez, o título de *Diário de Bordo III* (*Ημερελόγιο καταστρώματος, Γ*), a seguir o modelo dos dois curtos livros de poemas anteriores, *Diário de Bordo I* (1940) e *Diário de Bordo II* (1945). Na edição definitiva de *Píimata*, publicada em 1972, aos cuidados de Yorgos Savídis, o poemário *Diário de Bordo III* aparece acrescido com o poema “Os gatos de São Nicolau”, datado de 5 de Fevereiro de 1969, o livro ficando a conter, definitivamente, dezoito poemas: nas suas páginas 239-242 encontra-se o texto de *Helena* que considero que deve ter-se por canónico; reproduzo uma cópia fotográfica do mesmo, como Apêndice deste trabalho.

Diário de Bordo III leva a seguinte dedicatória: “Ao mundo de Chipre/ Lembrança e Amor”; a seguir, cita-se o verso de Eurípidés que servira de título à edição prévia, ... *Κύπρον οὐ μ’ ἐθέσπισεν ...*

a 4 de Agosto de 1956, a abranger, portanto, todas as suas impressões sobre as viagens a Chipre. Cf. esp. Bádenas de la Peña, 1989, *passim*.

6 I. Seferis, *Píimata*, 8ª ed., p. 335; tomo a referência de Moreno Jurado, 1988, pp. 130-131, e de Politis, 1994, p. 231. Sobre a data de composição e as edições, cf. também Moreno Jurado, 1988, pp. 127-135; Núñez Esteban, 1994, p. 180, etc.

7 Atenas, Ed. Ikaros, 1955, 57 pp.

8 Atenas, Ed. Ikaros, 1962.

3. Análise de *Helena*. Antecedentes clássicos.

O poema de Seferis toma como base argumental e modelo literário essencial a tragédia *Helena* de Eurípides⁹, representada em Atenas, como se sabe, no ano 412 a. C. Mediante o hábil recurso a uma comprida citação inicial de seis versos da tragédia, a indicar as personagens que os pronunciam – isto é, três versos correspondentes a Teucro, no Prólogo, mais um outro, pronunciado por Helena, e dois pelo Mensageiro (estes últimos no Episódio 2º) – Seferis põe em relevo a nota principal da versão dramática de Eurípides: Helena, a contrariar a lenda comumente admitida, não teria ido nunca para Tróia com Páris, mas teria permanecido no Egipto ao longo de toda a guerra¹⁰, acolhida à corte do rei Proteu, para manter-se sempre fiel a Menelau, que vai aparecer no Episódio 1º (v. 385); e, após os diversos lances que envolvem a anagnórise dos esposos, conseguirá acabar fugindo com Helena. A presença de Helena em Tróia foi um engano: nunca lá chegou mais do que um simulacro dela, tal qual cantara Estesícoro na sua *Palinódia* (*Fr.* 192-193 *PMG*)¹¹, segundo se constata ainda, graças ao breve fragmento citado por Platão no *Fedro* 243 A, e segundo a lenda transmitida por Herodoto, em II 112-120. São dados, todos eles, sobejamente conhecidos, e em relação aos quais não me parece necessário nem apropriado deter-me, em pormenor e com exegeses, neste trabalho.

9 Evito qualquer referência bibliográfica, sequer mínima, acerca desta tragédia de Eurípides, que vai ser, sem dúvida, um dos temas centrais deste Congresso, havendo de facto uma conferência dedicada em exclusivo a essa tragédia, a de C. Morenilla, "La *Helena* de Eurípides". Tomando em consideração, contudo, a data recente da sua publicação, eu queria chamar a atenção para o trabalho de Maria de Fátima Sousa e Silva, "Vida e morte na *Helena* de Eurípides", in *Ensaios sobre Eurípides*, Lisboa, Edições Cotovia, 2005, pp. 269-284.

10 Facto que, na tragédia, devia ficar bem patenteado, logo desde o início, no espaço cénico, que representava os paços reais da ilha de Faros, na posse do rei Proteu até a morte deste (pormenor ainda lembrado pelo seu túmulo, também exigido como elemento da cena, já que Helena irá refugiar-se nele), e, na actualidade, baixo o poder do seu filho Teoclímeneo. Cf. Di Benedetto - Medda, 2002, pp. 140-142; Silva, 2005, p. 272.

11 Se bem que seja imaginável ir ser tratado, o tema da "Palinódia" de Estesícoro, por outros conferencistas no curso deste Congresso, atrevo-me, mesmo assim, a dar, como bibliografia básica, aquela por mim consultada com vista à realização deste trabalho, a saber: M. Bowra, 1963, pp. 247-252; M. Doria, 1963, pp. 81-93; F. Sisti, 1965, 301-313; L. Woodbury, 1967, pp. 157-176; F. Rodríguez Adrados, 1978, pp. 251-299, esp. pp. 283-287; K. Bassi, 1993, pp. 51-75. [No decurso deste Congresso, Emilio Suárez de la Torre ocupou-se, com especial atenção, da "Palinódia" de Estesícoro, na sua conferência "Helena en la lírica griega arcaica", trabalho para cuja publicação nas *Actas* remetemos ao interessado].

Da *Helena* de Eurípides tão sucintamente resumida, toma Seferis três versos, para nos conduzir à ilha de Chipre com Teucro, personagem que tão-somente aparece, no seio da tragédia, na parte segunda do Prólogo. Ele será, contudo, o protagonista do poema de Seferis. Helena, por seu turno, afirmará de maneira contundente, e num único verso, que nunca foi a Tróia ela, em pessoa, mas um *éidolon* em seu lugar. O Mensageiro surpreender-se-á, e surpreender-nos-á, enfim, ao perceber que foi por causa de uma mera nuvem que se sofreu em Tróia uma guerra tão cruel. Seferis fecha este *exergo* explicativo com a referência pontual à sua fonte: “EURÍPIDES, *Helena*”.

Começa então o poema de Seferis, composto por 68 versos¹², de métrica variada. Para situar a acção, o poeta coloca um verso, entre aspas, como se de uma citação se tratasse, “Os rouxinóis não te deixam dormir em Platres”, que mostra uma clara referência ao rouxinol de voz chorosa¹³, invocado pelo Coro da tragédia de Eurípides (vv. 1109-1110), segundo hei-de frisar mais à frente; porém, a chave deste verso reside no topónimo Platres, localidade que de maneira nenhuma é mencionada no trágico. Com Platres, Seferis leva-nos a Chipre, centro de atenção do seu poema. Em nota a este verso, lemos: “Platres, lugar da ilha [Platres de Cima é famosa como idílico local para férias estivais na montanha]”¹⁴. Porém, há mais: no *Diário (Méres)* de Seferis, podemos seguir passo por passo a sua segunda viagem a Chipre, a começar no dia 15 de Setembro de 1954; no dia 24, sexta-feira, escreve o poeta: “Dormimos em Platres. Pinheiros – aragem”¹⁵. Está a referir-se a Platres de Cima, *Páno Plátres*. No dia seguinte vai ter a Platres de Baixo, *Káto Plátres*, aonde regressará para dormir, depois de ter visitado as paragens encantadoras que cingem esta localidade. Há, pois, um enquadramento topográfico do poema num local precioso de Chipre, bem conhecido do poeta, fascinado pelo canto dos rouxinóis que ali há. Bádenas de la Peña escreveu sobre este verso: “El

12 Tal é o número exacto de versos, alterado em alguns editores, devido à maneira peculiar como cortam os versos longos em muitas edições gregas. A nossa tradução tentou adequar-se, com precisão, ao número e conteúdo dos versos do original.

13 A este propósito, cf. a acertada indicação de Deisser, 2003, p. 238: « Pour les Grecs, le rossignol est un oiseau funèbre, c'est la voix d'un jeune garçon assassiné qui pleure sur sa prope mort. C'est un chanteur de chansons tristes » (ver também os lugares clássicos citados na nota 31 da mesma página deste trabalho de Deisser).

14 I. Seferis, *Píimata*, cit., 19ª ed., p. 337.

15 *Méres 1951-1956*, cit., p. 141.

proemio se abre con un reclamo publicitario de la época invitando a los ingleses a pasar sus vacaciones de invierno en la isla”¹⁶. É bem possível, com certeza. Mas não poderá duvidar-se que Seferis chama a atenção para o encanto de Chipre, ilha pela qual demonstra um amor impossível de explicar, nos poemas de *Diário de Bordo III*. O verso vai voltar a aparecer, desta vez já, sem dúvida, na qualidade de reclamo dirigido ao leitor, nos versos 9 e 53 de *Helena*.

A falar em primeira pessoa, uma personagem que, de momento, desconhecemos, invoca languidamente um desses rouxinóis de Platres, numa sequência de sete versos (vv. 2-8). Repete novamente o verso do lema inicial e, na continuação, pergunta sobre o que é Platres, quem conhece a ilha em que nos achamos, cujo nome silencia, mas que já tivemos o ensejo de ler no primeiro verso do *exergo*; começa logo a proporcionar-nos dados inequívocos sobre a sua personalidade, a assinalar que o seu destino “flutua / entre a derradeira espada de um Ájax / e uma outra Salamina” (vv. 13-15), trecho que corresponde às peripécias de Teucro, filho de Télamon e irmão de Ájax; depois do final de Tróia e da morte do irmão, regressou a Salamina, mas o pai degredou-o, razão pela qual acabará por ir para Chipre, onde fundará uma nova Salamina¹⁷. É essa, precisamente, a explicação que dão os três versos da *Helena* de Eurípides que se citam no começo do nosso poema; portanto, já sabemos, agora, que o personagem de quem se nos fala é Teucro, aclarando-se deste modo qualquer dúvida, ao indicar-se taxativamente, no verso 21, “também eu fui na guerra um arqueiro”: como é sabido, Teucro é apresentado na *Ilíada*, em repetidas ocasiões, como experiente e valoroso arqueiro¹⁸.

A dirigir-se de novo ao rouxinol, que agora chama *ποιητάρη*, que, segundo a nota acrescentada na edição de *Píumata*¹⁹, é o termo que designa, em Chipre, um certo tipo de poeta-cantante laico, o narrador evoca a sua chegada à praia de Proteu, quer dizer, perto da costa egípcia, e ali, entre escravas espartanas, surpreender-se-á achando Helena, tal como acontecia no Prólogo da tragédia de Eurípides (v. 67 ss.), a qual proclama com força, no poema de Seferis, jamais ter posto o pé em Tróia (v. 31). A descrever os encantos de Helena, Teucro reflecte com tristeza sobre o facto de Helena

16 Bádenas de la Peña, 1989, p. 366.

17 Cf. Grimal, 1965, pp. 512-513.

18 Cf. Hom. *Il.* 8, 266 ss.; 12, 370 ss.; 15, 442 ss.; 23, 850 ss.

19 Op. cit., p. 337.

lá estar, enquanto Tróia guarda apenas uma imagem dela, com a qual Páris se deita, e por causa da qual os gregos se degolam durante nada menos do que dez anos... E tudo por decisão dos deuses (v. 39). E Teucro coloca-se a si mesmo a terrível dúvida acerca da essência divina (v. 52). Depois de ter pronunciado, por terceira vez, o verso dos rouxinóis cantores, Teucro volta a lembrar a sua chegada a Chipre, agora pronunciando o nome da ilha (v. 54), e evoca o engano mítico dos deuses e das suas vítimas, entre as quais, Ájax, Príamo, Hécuba, além de trazer perante os nossos olhos a imagem tremenda do rio Escamandro a transbordar de cadáveres, e de certificar que tanta dor e tanta morte se deve a uma insensatez, uma túnica vazia, uma falsa Helena. A intenção do quadro depreende-se da imagem que ele mesmo oferece, sem qualquer necessidade de exegese por parte do artista.

Seferis recorre constantemente às suas fontes, na construção do seu poema; desde a sua formação clássica e literária em geral, de que imediatamente vou dar conta, não sente necessidade de dissimular as suas bases, que admira profundamente e que, portanto, como se de um escritor clássico se tratasse, tenta emular. A primeira e fundamental é Eurípidés, sobretudo na sua *Helena*, de que toma o título, o travejamento argumental central, ou os seis versos introdutórios, segundo já divisámos. Mas os paralelismos são muitos mais, e mostram-nos um Seferis fascinado pela tragédia de quase dois milénios e meio antes.

Em primeiro lugar, consideremos o tema, profundamente poético e muito recorrente, dos rouxinóis, presença constante nas noites de Chipre, três vezes evocada (vv. 1, 9, 53); todavia, além dessa generalidade, Teucro dirige as suas palavras a um rouxinol concreto, qualificado de maneiras diversas: ἀηδόνη ντροπαλό (*rouxinol tímido*), em v. 2; : ἀηδόνη ποιητάρη (*rouxinol poeta cantor*), em v. 23; : ἀηδόνη ἀηδόνη ἀηδόνη, sem adjectivo, porém repetido por três vezes no mesmo verso (v. 51), em que Teucro personifica Seferis para perguntar pelo seu irmão Ângelo, morto em 1950; enfim, δακρυσμένο πουλί (*pássaro choroso*), no v. 54, onde Seferis evita o nome ἀηδόνη para oferecer uma variante ao v. 1110 de Eurípidés. Tudo isto leva-nos à belíssima Estrofe 1, em que o Coro que fecha o Estásimo 1º da *Helena* de Eurípidés pede ao rouxinol que o acompanhe no seu lamento:

σὲ τᾶν ἐναύλοις ὑπὸ δενδροκόμοις
μουσεῖα καὶ θάκουσ ἐνί-
ζουσαν ἀναβοάσω,
τᾶν αἰδοτάταν

ὄρνιθα μελωιδὸν
 ἀηδόνα δακρυόεσσαν,
 ἔλθ' ὦ διὰ ξουθᾶν γενύων ἐλελιζομένα
 θρήνων ἐμοὶ ξυνεργός,
 Ἑλένας μελέους πόνους ... (vv. 1107-1114)

Teucro insiste em duas ocasiões, vv. 39 y 59, em que a irracionalidade que envolveu a terrível guerra de Tróia foi devida à vontade divina, a um engano dos deuses; na segunda delas,

ἂ εἶναι ἀλήθεια πὼς οἱ ἀνθρῶποι δὲ θὰ ξαναπιάσουν
 τὸν παλιὸ δόλο τῶν θεῶν (vv. 58-59)

recordamos Helena na tragédia, a culpabilizar os deuses com tal de suste a sua falta de culpa:

κλυόντες εἰσιδόντες ὡς τέχναις θεῶν
 ὠλοντ', ἐγὼ δὲ προδοτίς οὐκ ἄρ' ἦ φίλων (vv. 930-931)

A enumeração das causas de se terem enchido de sangue os rios de Tróia, culmina na mais absurda de todas elas, uma Helena que não é mais do que uma imagem, apresentando no verso 49 uma referência, sem dúvida incompreensível para quem desconheça a origem de Helena, filha de Leda e de Zeus convertido em cisne: (για) ... το πούπουλο ἔνος κύκνου. A referência euripídea também resulta clara neste caso: leva-nos, com efeito, à alusão do Coro na Antístrofe 2ª do *kommós* que mantém com Helena no Párodo:

Αἰῶν δυσαίων τις
 ἔλαχεν ἔλαχεν, ὅτε ὁ ἐτέκετο ματρόθεν
 χιονόχρῳι κύκνου πτερῶι
 Ζεὺς πρέπων δι' αἰθέρος. (vv. 213-216).

E a dúvida sobre a essência divina que formula com desespero Teucro no verso 52:

Τεῖναι θεός; τί μὴ θεός; καὶ τί τ' ἀνάμεσό τους;

reproduz, quase ao pé da letra, a mesma questão que a si mesmo se colocava o Coro da tragédia no Estásimo 1º, primeiro verso da Estrofe 2ª:

ὅτι θεὸς ἢ μὴ θεὸς ἢ τὸ μέσον (v. 1137).

Porém, não é o influxo de Eurípides, embora primordial, o único que se pode registar no poema. Em primeiro lugar, a história de Helena introduz-nos directamente no surpreendente quadro do maior poema grego de sempre, a *Ilíada*; Seferis, tantos séculos passados – mesmo milénios – regressa àquele mundo, para retomar a ideia de terem sido tão absurdos esses dez anos de guerra, e essa destruição, para os quais não acharíamos motivos que tivessem sido inevitáveis. Destarte, Teucro rememora o rio Escamandro (v. 27), e os rios a encher-se de sangue e lama (v. 47) e, finalmente, de novo o Escamandro a extravasar cadáveres (v. 63). A imagem evoca imediatamente um passo inesquecível da *Ilíada*: aquele em que o Escamandro, com a corrente já obstruída dos mortos de que Aquiles estava a enchê-la, adquiriu figura de homem e, indignado, rogou ao herói que se fosse embora, e continuasse a matar os troianos na planície, longe das suas correntes (*Ilíada* 21, 210 ss.).

Uma outra fonte clássica (esta, tomada com uma exactidão verdadeiramente digna de salientar-se) encontramos-la nos três versos que da *Palinódia* de Estesícoro conservamos – essa obra serviu, sem dúvida, de base para a *Helena* de Eurípides; e de base há de servir também (como não?) para a *Helena* de Seferis. O conhecimento, por parte de Seferis, da lenda sobre a cegueira de Estesícoro, como causada por uma vingança da divina Helena, por ele injuriada, e sobre a imediata recuperação da vista, mercê do perdão da semi-deusa visível na *Palinódia*, não resulta estranho no caso de um homem de tão profunda cultura clássica como o nosso autor demonstra ser. Por isso, também não deve espantar o facto de, num poema baseado na lenda de uma Helena não adúltera e que nunca teria posto os pés em Tróia, Seferis ter desejado deixar bem patentes os três versos de Estesícoro que Platão punha na boca de Sócrates, num diálogo tão importante como é o *Fedro*. Lembremos ambos os textos:

Estesícoro, Fr. 192 PMG, ap. PLAT., Phaed. 243 A:

Οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὔτος,
οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις
οὐδ' ἔκεο πέργαμα Τροίας.

Seferis, Helena, vv. 29-31:

“Δὲν εἶναι ἀλήθεια, δὲν εἶναι ἀλήθεια” φώναζε.
“Δὲν μπήκα στὸ γαλαζόπλωρο καράβι.
Ποτὲ δὲν πάτησα τὴν ἀντρειωμένη Τροία”.

Os estudiosos de Seferis já detectaram alguns outros influxos²⁰, se bem que menos importantes, de Simónides de Ceos, de um verso de Dante, *Purgatorio* XXI 136 (que já foi assinalado, a propósito do nosso poema, na sua edição definitiva²¹), de alguma passagem de Kaváfis... Todavia, pode dizer-se – de igual modo que para o caso da abertura do poeta ao influxo da “poésie pure” francesa, na sua primeira época, ou aos influxos de Eliot ou Pound – que todas estas influências nunca poderão ser estimadas em detrimento da originalidade de Seferis, mas antes ao contrário: de modo semelhante, a assimilação e integração das fontes gregas antigas na construção do poema *Helena* constituem uma das bases essenciais da sua perfeição e, sem dúvida (e pese à estranheza que isso possa produzir à primeira vista), também da sua originalidade. Acho, enfim, que Panayotis Mastrodimitris tem absoluta razão quando, ao analisar as profundas marcas da tradição clássica na poesia de Seferis, escreve:

*“En la Helena de Seferis culmina la presencia de la tradición mítica. Un mito común inspira a Eurípides y al poeta moderno. Éste conoce la fábula antigua y la traslada a la realidad, a la acción, la historia, del mundo actual. Uno y otro se nos ofrecen, mutatis mutandis, como paralelos en dos períodos históricos muy alejados entre sí. En la Helena de Seferis respira uno el aire del viejo mito y goza con su trasposición al presente, su grandeza mantenida a través de los procedimientos alegóricos actuales y su valor poético en un metro moderno”*²².

4. Significação da *Helena* na obra de Seferis e na Grécia de 1955.

Antes de tentarmos esclarecer a significação da *Helena* na obra e no pensamento de Yorgos Seferis, talvez devêssemos fazer o mesmo, também com o seu modelo, a tragédia homónima de Eurípides. Como resultará óbvio, isto obrigar-me-ia a percorrer caminhos bem longos e complicados, e a enfrentar problemas para os quais me não considero a pessoa adequada; para além disso, tenho a certeza de que tais temas serão tratados por especialistas idóneos, no decurso deste Congresso. Por tudo isto, limitar-me-ei

20 Cf., especialmente, Mastrodimitris, 1968, pp. 114-116; Cuenca, 1976, p. 375.

21 *Píimata*, ed. cit., p. 337.

22 Mastrodimitris, 1968, p. 114.

a lembrar algumas considerações gerais sobre a *Helena* de Eurípides, da autoria de Juan Antonio López Férez, que irão ser de utilidade na minha exegese do poema de Seferis:

“Mucho se ha escrito sobre si estamos ante una verdadera tragedia. En verdad la unidad trágica se resiente: los motivos míticos se amontonan, la ironía trágica es evidente, los dioses aparecen, pero su intervención en la acción dramática es mínima. Es el azar, la fortuna (Týche) lo que ocupa el lugar primordial en el curso de la acción. El hombre no es víctima de los designios divinos, ni se empeña en realizar su voluntad a toda costa, sino que, más bien, resulta ser juguete del azar. [...] La importancia del amor y de la vida individual, el tema del doble, [...], la mujer alejada de su esposo, la separación de los amantes, en suma, son motivos literarios de elevado rendimiento en la literatura helenística e imperial, como bien puede comprobarse en los temas dilectos de la Novela. Por otro lado, Eurípides muestra en esta pieza su pacifismo, quizás como alegato literario contra las calamidades de la terrible guerra del Peloponeso. Si leemos los versos 1151 y ss., nos convencemos de que son del todo inútiles las guerras, las discordias sin fin entre ciudades y la efusión de sangre humana”²³.

Esta interpretação da tragédia *Helena*, enquanto expoente das ideias pacifistas de Eurípides, adquire uma actualidade e uma justificação absolutas se nos deslocamos ao momento mesmo de estreia da tragédia, na Primavera do ano 412 a. C. É um tempo de desastres continuados na guerra do Peloponesso, agravados, em vésperas da partida da armada para a expedição à Sicília, pelo escândalo da mutilação dos Hermes em Atenas, bem como pela acusação contra Alcibíades por ter tomado parte na paródia dos mistérios de Elêusis que na altura tinha lugar em certas casas da cidade; a tomada de Deceia pelos espartanos em 413, e pouco depois a derrota da expedição à Sicília, provocarão a desmoralização social e política de uma Atenas que, poucos anos após, vai render-se a Esparta e aos seus aliados, dando assim fim à terrível guerra do Peloponesso, uma guerra absurda, como todas elas, que todos os gregos acabaram perdendo. Uma guerra longa, cruel, inútil, como a guerra de Tróia que, em circunstâncias tão adversas para os atenienses²⁴,

23 López Férez, 1988, p. 371; cf. também Ferreira, 2004, pp. 164-165.

24 Parece-me, neste sentido, excelente a “Notice” que H. Grégoire pôs na sua edição de *Helena*, no tomo V do *Eurípide* da Col. Budé, Paris, 1961, pp. 9-46, onde podemos ler notas tão convincentes como esta: “Si Eurípide, qui partout ailleurs s’est acharmé contre

Eurípides encenava na sua *Helena*, a defender que o rapto da esposa de Menelau por parte de Páris nunca acontecera, que Helena nunca pisara a terra de Tróia, que a divina filha de Leda e Zeus nunca fora infiel ao marido.

“La guerra del Peloponeso tuvo indudablemente mucha culpa en la rotura del equilibrio social y del mismo sentido de la comunidad cívica en una ciudad como Atenas”, escreve Rodríguez Adrados no seu livro mais formoso e profundo²⁵. Uma guerra que enfrentou gregos contra gregos e cidadãos contra cidadãos, e que promete acabar, como era de esperar, com uma absoluta catástrofe: eis a melhor explicação de uma tragédia tão subtil como é a *Helena* de Eurípides, do ano 412. Eis também a interpretação que dela deve ter feito Seferis ao emulá-la num poema de título idêntico, porém de apenas 68 versos, num momento bélica, política, socialmente muito semelhante na história da Grécia: os primeiros anos da década de 50 do século passado.

Dissemos mais acima que o poema *Helena* foi escrito em 1953. Nesse ano, os acontecimentos mais recentes na sempre azafamada vida de Yorgos Seferis podem resumir-se assim: primeiramente, a terrível ocupação alemã da Grécia (1941-44), e as lutas fratricidas entre grupos de esquerda e conservadores; logo, a redução do Exército Popular Grego por parte do exército formado na África sob mando aliado (1944), mais tarde, a restauração da Monarquia por referendun (1946) e a segunda fase da guerra civil (1947-49), os governos conservadores (1950-64)... Após três anos de desempenho do cargo de Conselheiro da Embaixada em Ankara, mais ano e meio na Embaixada em Londres, Séferis desloca-se, em 1952, a Beirute, com o fim de ocupar-se das Embaixadas no Líbano, Síria, Jordânia e Iraque, cargos que o vão manter ocupado até 1956. Será a partir de Beirute que empreenderá as suas três viagens a Chipre, em 1953, 1954 e 1955, onde viverá com paixão os momentos mais duros da “questão cipriota”, perante a oposição inglesa à reunificação, com a Grécia, da ilha por ele tão amada²⁶. É assim que nasce, segundo já frisámos anteriormente, a sua

Hélène, réhabilite ici le personnage de la légende homérique pour lequel il professait le plus d'antipathie, s'il a mis en drame une version assez singulière du mythe, c'est précisément parce que, dégouté de la guerre, comme la plupart de ses concitoyens, il a vu dans l'histoire de l'*eidolon* une sorte de symbole. Pour lui, à ce moment précis, toutes les guerres sont, comme la plus fameuse, des erreurs sanglantes, des folies” (p. 23). Cf. também Delebecque, 1951; Burnett, 1960; Rodríguez Adrados, 1966; Tovar, 1966; etc.

25 Rodríguez Adrados, 1966, p. 423.

26 Sobre o significado afectivo de Chipre para Seferis, cf. a interessante apreciação de López Jimeno, 2002, pp. 172-173.

colecção poética cipriota²⁷, primeiramente titulada com aquela citação da *Helena* de Eurípides, ...*Chipre onde predisse...* (...*Κύπρον οὐ μ' ἐθέσπισεν ...*); mais tarde mudando-se o título para o de *Diário de Bordo III*. No conjunto dos poemas podemos perceber os posicionamentos anímicos, morais, políticos, de Seferis, perante a situação de Chipre na altura – perante uma ilha que é a vítima eterna de todos os conflitos humanos. É aí que reside a razão profunda, a explicação óbvia do seu poema *Helena*. Razão muito semelhante àquela que teria originado a tragédia de Eurípides, dois mil trezentos e sessenta e cinco anos antes. Por isso, pouco antes de findar a colecção, Seferis coloca, no penúltimo lugar²⁸, um poema profundo, curto (apenas oito versos), em que oferece as chaves da sua paixão pelo autor trágico antigo: intitula-o, precisamente, “Eurípides, ateniense”:

*Envelheceu entre as chamas de Tróia
e as pedreiras da Sicília.
Gostava das furnas nas praias e das paisagens do mar.
Viu as veias dos homens
como uma rede dos deuses, onde nos apanham como bestas:
tentou rasgá-la.
Era áspero; os seus amigos, poucos;
veio um dia e foi esquartejado pelos cães.*

5. Significação universal do poema *Helena* de Seferis.

Ao findar o poema de Seferis, permanece no leitor uma esperança, assaz ténue, mas esperança ao fim e ao cabo, de que uma história tão absurda não se repetirá nunca mais, de que a humanidade não cairá outra vez “no antigo engano dos deuses” (v. 59), de que não haverá novos Ajax, Príamos, Hécubas, nem desconhecidos que tenham que escutar “que tanta dor, tanta vida / afundiram no abismo / por uma túnica vazia, por uma Helena” (vv. 66-68), nem sequer por uma túnica cheia, nem por uma Helena de carne e osso. Que ninguém, como o poeta, tenha de deixar no ar uma pergunta, breve mas terminante, urgente, sem resposta: “E o meu irmão?” (v. 51). Com a imagem, ainda recente na memória, da invasão de Grécia

27 Cf. esp. De Cuenca, 1976; Krikos-Davis, 1979; Moreno Jurado, 1988; Bádenas de la Peña, 1989; Deisser, 2003; etc.

28 Antepenúltimo, na edição definitiva de *Piímata* (8ª ed.), preparada por Yorgos Savídis em 1972, segundo já comentei mais acima.

pelos exércitos nazis, e das subsequentes lutas fratricidas, Seferis recorria à transformação pessoal, dada por Eurípidēs à lenda de Helena, com o fim de exprimir, mais uma vez, a sua repulsa contra a guerra. Doze anos antes, em Outubro de 1941, em plena época da ocupação de Grécia pela barbárie, Yorgos Seferis arremessara um grito, muito mais breve, em apelo à paz, num dos seis *Καλλιγραφήματα*²⁹ que naquela altura compôs:

Καὶ τὰ λουλούδια βγάλαν μιὰ φωνή
 Τὰ κυπαρίσσια βγάλαν μιὰ φωνή
 Κι ἀπὸ τὸ πηγάδι βγήκε μιὰ φωνή.
 Γιατί τοὺς σκοτώνετε;

*E as flores lançaram um grito
 os ciprestes lançaram um grito
 e do poço surgiu um grito:
 Porque os matais?*

Outubro 1941

APÊNDICE

Texto original de *Helena* (ed. 1998)

ΕΛΕΝΗ

τευκρος: ... ἐς γῆν ἑναλίαν Κύπρον, οὗ μ' ἐθέσπισεν
 οἰκεῖν Ἀπόλλων, ὄνομα νησιωτακὸν
 Σαλαμίνα θέμενον τῆς ἐκεῖ χάριν πάτρας.

ελενη Οὐκ ἦλθον ἐς γῆν Τρωάδ', ἀλλ' εἶδωλον ἦν.

αγγελος Τί φῆς;
 Νεφέλης ἄρ' ἄλλως εἶχομεν πόνους πέρι;
 ΕΥΡΙΠΙΔΗΣ, Ἑλένη

“Τ' ἀηδόνια δὲ ὁ ἀφήνουε νὰ κοιμηθεῖς στὶς Πλάτρες”

Ἀηδόνι ντροπαλό, μὲς στὸν ἀνασασμὸ τῶν φύλλων

29 Publicado in Τετράδιο Γυμνασμάτων, Β', Atenas, Ikaros, 1976, p. 114.

- σὺ ποὺ δωρίζεις τὴ μουσικὴ δροσιὰ τοῦ δάσους
 στὰ χωρισμένα σώματα καὶ στὶς ψυχές.
 αὐτῶν ποὺ ξέρον πῶς δὲ θὰ γυρίσουν.
 Τυφλὴ φωνή, ποὺ ψηλαφεῖς μέσα στὴ νυχτωμένη μὴμημη 5
 βήματα καὶ χειρονομίες Δὲ θὰ τολμοῦσα νὰ πῶ φιλήματα
 καὶ τὸ πικρὸ τρικύμισμα τῆς ξαγριεμένης σκλάβας.
- “Τ’ ἀηδόνια δὲ ὅ ἀφήνουνε νὰ κοιμηθεῖς στὶς Πλάτρες”
- Ποιὲς εἶναι οἱ Πλάτρες; Ποιὸς τὸ γνωρίζει τοῦτο τὸ νησί; 10
 Ἔζησα τὴ ζωὴ μου ἀκούγοντας ὀνόματα πρωτάκουστα,
 καινούργιους τόπους, καινούργιες τρέλες τῶν ἀνθρώπων
 ἢ τῶν θεῶν.
 ἢ μοῖρα μου ποὺ κυματίζει
 ἀνάμεσα στὸ στερνὸ σπαθὶ ἑνὸς Αἴαντα 15
 καὶ μιὰν ἄλλη Σαλαμίνα
 μ’ ἔφερε ἔδῳ ὅ αὐτὸ τὸ γυρογάλι.
 Τὸ φεγγάρι
 βγήκε ἀπὸ τὸ πέλαγο σὰν Ἀφροδίτη
 σκέπασε τ’ ἄστρα τοῦ Τοξότη, τώρα πάει νὰ βρει 20
 τὴν καρδιὰ τοῦ Σκορπιοῦ, κι’ ὅλα τ’ ἀλλάζει.
 Ποῦ εἶν’ ἡ ἀλήθεια;
 Εἴμουν κι’ ἐγὼ στὸν πόλεμο τοξότης
 τὸ ριζικὸ μου, ἑνὸς ἀνθρώπου ποὺ ξαστόχησε.
- Ἀηδόνι ποιητάρη, 25
 σὰν καὶ μιὰ τέτοια νύχτα στ’ ἀκροθαλάσσι τοῦ Πρωτέα
 ὅ ἄκουσαν οἱ σκλάβες Σπαρτιάτισσες κι’ ἔσυραν τὸ Θρηῖνο,
 κι’ ἀνάμεσό τους - ποιὸς θὰ τὸ’ λεγε - ἡ Ελένη!
 Αὐτὴ ποὺ κυνηγούσαμε χρόνια στὸ Σκάμαντρο.
 Εἶταν ἐκεῖ, στὰ χεῖλια τῆς ἐρήμου τὴν ἄγγιξα, μου μίλησε; 30
 “Δὲν εἶν’ ἀλήθεια, δὲν εἶν’ ἀλήθεια” φώναζε.
 “Δὲν μπήκα στὸ γαλαζόπλωρη καράβι.
 Ποτὲ δὲν πάτησα τὴν ἀντρειωμένη Τροία”.
- Μὲ τὸ βαθὺ στηθόδεσμο, τὸν ἥλιο στὰ μαλλιά, κι’ αὐτὸ τὸ 35
 ἀνάστημα
 ἴσκιος καὶ χαμόγελα παντοῦ
 στοὺς ὤμους στοὺς μηρούς στὰ γόνατα
 ζωντανὸ δέρμα, καὶ μάτια
 μὲ τὰ μεγάλα βλέφαρα,

εΐταν ἐκεῖ, στήν ὄχθη ἑνὸς Δέλτα.		
	Καὶ στήν Τροία;	40
Τίποτε στήν Τροία - ἕνα εἶδωλο. Ἔτσι τὸ θέλαν οἱ θεοί. Κι' ὁ Πάρης, μ' ἕναν ἴσκιό πλάγιαζε σὰ νὰ εἶταν πλάσμα ἀτόφιο		45
κι' ἐμεῖς σφαζόμεσταν γιὰ τὴν Ἑλένη δέκα χρόνια. Μεγάλος πόνος εἶχε πέσει στήν Ἑλλάδα. Τόσα κορμιὰ ριγμένα στά σαγόνια τῆς θάλασσας στά σαγόνια τῆς γῆς τόσες ψυχές		50
δοσμένες στὶς μυλόπετρες, σὰν τὸ σιτάρι. Κι' οἱ ποταμοὶ φουσκώναν μὲς στὴ λάσπη τὸ αἶμα γιὰ ἕνα λινοῦ κυμάτισμα γιὰ μιὰ νεφέλη μιᾶς πεταλούδας τίναγμα τὸ πούπουλο ἑνὸς κύκνου γιὰ ἕνα πουκάμισο ἀδειανό, γιὰ μιὰν Ἑλένη. Κι' ὁ ἀδελφὸς μου;		55
	Ἀηδόνι ἀηδόνι ἀηδόνι, τ' εἶναι θεός; τί μὴ θεός; καὶ τί τ' ἀνάμεσό τους;	
“Τ' ἀηδόνια δὲ ὁ ἀφήνουνε νὰ κοιμηθεῖς στὶς Πλάτρες”.		
Δακρυσιμένο πουλί	,	60
	στήν Κύπρο τὴ θάλασσοφίλητη πού ἔταξαν γιὰ νὰ μοῦ θυμίζει τὴν πατρίδα, ἄραξα μοναχὸς μ' αὐτὸ τὸ παραμῦθι, ἂν εἶναι ἀλήθεια πὼς οἱ ἀνθρώποι δὲ θὰ ξαναπιᾶσουν τὸν παλιὸ δόλο τῶν θεῶν	65
	ἂν εἶναι ἀλήθεια πὼς κάποιος ἄλλος Τεύκρος, ὕστερα ἀπὸ χρόνια, ἢ κάποιος Αἴαντας ἢ Πρίαμος ἢ Ἐκάβη ἢ κάποιος ἄγνωστος, ἀνώνυμος, πού ὡστόσο εἶδε ἕνα Σκάμαντρο νὰ ξεχειλάει κουφάρια, δὲν τὸ χεὶ μὲς στὴ μοῖρα του ν' ἀκούσει μαντατοφόρους που ἔρχονται νὰ ποῦνε πὼς τόσος πόνος τόση ζωὴ πήγαν στήν ἄβυσσο γιὰ ἕνα πουκάμισο ἀδειανὸ γιὰ μιὰν Ἑλένη.	70
		75

BIBLIOGRAFIA

- ALSINA, José, Traducción esp. de *Helena*, in AA. VV., “Yorgos Seferis Poemas”, *Estudios Clásicos* 12 (1968) Supl. pp. 47-113.
- BÁDENAS DE LA PEÑA, Pedro, “Consideraciones sobre el ciclo chipriota en la poesía de Yorgos Seferis”, *Erytheia* 10 (1989) 355-370.
- BASSI, K., "Helen and the discours of Denial in Stesichorus' Palinode", *Arethusa* 26 (1993) 51-75.
- BOWRA, C. M., "The two Palinodes of Stesichorus", *CR* 13 (1963) 247-252.
- BURNETT, A. P., "Euripides' *Helen*: a Comedy of Ideas", *CPh* 55 (1960) 151-163.
- DE CUENCA, Luis A., “La ‘Helena’ de Eurípides y un poema de GYorgos Seferis”, *Estudios Clásicos* 20 fasc. 78 (1976) 371-378.
- DEISSER, André, “Hélène dans la littérature néo-hellénique”, in M. Broze *et al.* (eds.), *Le Mythe d’Hélène*, Bruxelles, Éditions Ousia, 2003, pp. 221-242.
- DELEBECQUE, E., *Euripide et la guerre du Péloponèse*, Paris, 1951.
- DI BENEDETTO, Vincenzo - MEDDA, Enrico, *La tragedia sulla scena. La tragedia greca in quanto spettacolo teatrale*, Torino, Giulio Einaudi editore, 2002.
- DORIA, M., "Le due Palinodie di Stesicoro", *PP* 18 (1963) 81-93.
- FERREIRA, José Ribeiro, *A Grécia Antiga. Sociedade e política*, Lisboa, Edições 70, 2004.
- GARCÍA ÁLVAREZ, César - CASTILLO DIDIER, Miguel, *Yorgos Seferis (1900-1971) El poeta ensayista*, Chile, Universidad de Santiago, 2000.
- GRÉGOIRE, Henry, ed. de *Hélène*, en *Euripide. Tome V Hélène, Les Phéniciennes*, ed. de H. Grégoire, L. Méridier, F. Chapouthier, Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- GRIMAL, Pierre, *Diccionario de la mitología griega y romana*, trad. esp. de F. Payarols, Barcelona, Editorial Labor, 1965.
- IRIGOYEN, Ramón, *Ocho poetas del siglo XX*, Madrid, Mondadori España, 1989.
- KONDOYANNI, V., « De la guerre de Troie à la question chypriote : Hélène dans l’œuvre de Séféris », in M. Broze *et al.* (eds.), *Le Mythe d’Hélène*, Bruxelles, Éditions Ousia, 2003, pp. 243-252.
- KRIKOS-DAVIS, K., « On Seferis’ Helen », *Byzantine and Modern Greek Studies* 5 (1979) 57-76.
- LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio, “Eurípides”, in J. A. López Férez (Ed.), *Historia de la literatura griega*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1988, pp. 352-405.
- LÓPEZ JIMENO, Amor, “Seferis o el desarraigo”, in Isabel García Gálvez (ed.), *Giogos Seferis. 100 años de su nacimiento*, Granada, Centro de Estudios Bizantinos, Neogriegos y Chipriotas, 2002, pp.161-174.

- MASTRODIMITRIS, P. D., "La tradición clásica en Seferis", *EstClás* 12 (1968) 105-116.
- MORENO JURADO, José Antonio, *Antología de la poesía griega (Desde el siglo XI hasta nuestros días)*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1997.
- MORENO JURADO, José Antonio, *Yorgos Seferis*, Gijón, Ediciones Júcar, 1968.
- NÚÑEZ ESTEBAN, Gregoria, "Texto y pretexto : la *Helena* de Eurípides y el poema *Heleni* de Seferis", in *Quid ultra faciam?*, Madrid, Universidad Autónoma, 1994, pp. 175-185.
- POLITIS, Linos, *Historia de la literatura griega moderna*, Prólogo, traducción directa del griego y supolmento de Goyita Núñez, Madrid, Ediciones Cátedra, 1994.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, F., *Ilustración y política en la Grecia clásica*, Madrid, Revista de Occidente, 1966.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, F., "Propuestas para una nueva edición e interpretación de Estesícoro", *Emerita* 46 (1978) 251-299.
- SEFERIS, Yorgos, *Poemas escolhidos*. Tradução de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratisinis, Lisboa, Relógio d'Agua, 1993
- SEFERIS, Yorgos, *Poesía completa*. Introducción y notas [y traducción] de Pedro Bádenas de la Peña, Madrid, Alianza Tres, 1986.
- SILVA, Maria de Fátima Sousa e, "Vida e morte na *Helena* de Eurípides", in *Ensaíos sobre Eurípides*, Lisboa, Edições Cotovia, 2005, pp. 269-284.
- SISTI, F., "Le due Palinodie di Stesicoro", *StudUrb* 39 (1965) 301-313.
- TOVAR, Antonio, "Aspectos de la *Helena* de Eurípides", *Estudios sobre la tragedia griega*, Madrid, 1966.
- VICUÑA, Pedro Ignacio, *George Seferis, Antología poética*. Traducción, selección e introducción de P. I. V., Madrid, Visor, 1989.
- WOODBURY, L., "Helen and the Palinode", *Phoenix* 21 (1967) 157-176.